



DIAGNÓSTICO ENTRE A RELAÇÃO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

DIAGNOSIS BETWEEN THE RELATIONSHIP OF PRACTICES BODY OF ADVENTURE AND PHYSICAL EDUCATION SCHOOL

*Alexander Klein Tahara e **Suraya Cristina Darido

RESUMO

Este estudo se propôs a realizar um “estado da arte” sobre as práticas corporais de aventura nos cinco principais periódicos nacionais da área mais bem avaliados pela CAPES. Os resultados mostraram que do total de 2988 artigos publicados pelos cinco periódicos durante a última década (2005-2015), apenas 66 artigos (2,21% do total) eram referentes às práticas corporais de aventura. E destes 66 artigos, somente 3 retratavam tais práticas no contexto das aulas de Educação Física escolar. Considera-se que há uma escassez na produção científica relacionada às práticas corporais de aventura, escassez ainda maior quando se pensa na inserção destas práticas no ambiente escolar.

Palavras-chave: Diagnóstico; Práticas Corporais de Aventura; Educação Física escolar

ABSTRACT

This study aimed to carry out a “state of the art” on the body practices adventure in the five major national journals in the area best evaluated by CAPES. The results showed that the total of the five articles published in 2988 journals during the past decade (2005-2015), only 66 items (2.21% of total) were related to body practices adventure. And of these 66 articles, only 3 depicted the body practices adventure in the context of the lessons of Physical Education. It is considered that there is a shortage in scientific production related to body practices adventure, even greater shortages when considering the inclusion of these practices in the school environment.

Key-words: Diagnosis; Body Practices Adventure; Physical Education

Recebido em: 20/06/2016
Aprovado em: 06/07/2016

*Alexander Klein Tahara
Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Ilhéus, BA
Email: alexipatinga@yahoo.com

**Suraya Cristina Darido
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
UNESP, Rio Claro, SP
Email: surayacd@rc.unesp.br



INTRODUÇÃO

As discussões e debates que envolvem a temática referente à “aventura” vem ganhando cada vez mais espaço em meio à comunidade acadêmica e científica nos últimos anos. Tal fato não poderia ser diferente em relação à área da Educação Física, inclusive refletindo-se em sua inserção no âmbito das aulas escolares.

A Educação Física escolar vive atualmente uma transição no que se relaciona a sua prática pedagógica, ou seja, a referida área estaria buscando elementos para construir uma prática pedagógica não mais centrada apenas no exercitar-se, mas também na aquisição de novos conhecimentos relacionados às diversas manifestações da Cultura Corporal de Movimento. Como um componente curricular seria função da Educação Física problematizar junto aos alunos, tanto de maneira prática como teórica, aspectos que permeiam a referida cultura, inclusive com a possível inserção de novas e diversificadas práticas dentro do ambiente escolar (FENSTERSEIFER; SILVA, 2011).

Os conteúdos da Cultura Corporal de Movimento cumprem a tarefa de transmitir uma tradição de práticas corporais construída historicamente na área de conhecimento da Educação Física, permitindo também que os educandos se apropriem e se enriqueçam com eles. Por outro lado, devem ser sempre renovados e contextualizados para que sejam atuais e significativos aos alunos.

Pereira e Armbrust (2010) mencionam que as rápidas mudanças e transformações da sociedade atual fazem com que os professores de Educação Física que trabalham na escola repensem formas de contextualizar os conteúdos da referida área entre os alunos, tentando oportunizar sempre aulas prazerosas e diversificadas em relação às vivências. Os autores pressupõem que a inserção dos esportes radicais em ambiente escolar possa ser uma boa maneira de abordagem da temática do meio ambiente em aula de Educação Física, além do fato de poder referenciar muitas modalidades de aventura como um novo conteúdo entre os educandos, e assim proporcionar vivências diferentes das habituais trabalhadas nas aulas.

Neste caso, Pereira e Armbrust (2010) usam o termo “esportes radicais”, mas ressalta-se que neste trabalho foi adotado a terminologia “práticas corporais de aventura” (PCA), assim como entendem Franco, Cavasini e Darido (2014, p.105), no sentido que esta terminologia pode “[...] dar um sentido mais sistematizado a esse conjunto de conhecimentos que, espera-se, seja incluído mais frequentemente em propostas escolares [...]”, sendo que as PCA podem ocorrer tanto no meio urbano ou diretamen-

te na natureza. Pelo fato de que na literatura específica se encontram termos distintos para designar tais práticas, no decorrer deste trabalho será mantida a terminologia original utilizada por cada autor referenciado.

Torna-se necessário a inclusão nos currículos escolares de novas atividades e experiências, possibilitando uma maior diversificação de conteúdos. Os esportes de aventura podem oferecer novos e significativos desafios tanto para os alunos quanto para os professores, podendo ser compreendidos como vivências capazes de contemplar os princípios norteadores da Cultura Corporal de Movimento. Apresentam-se como um tema de extrema relevância para o cotidiano da Educação Física escolar, haja vista sua expressiva incidência na atualidade (ALVES; CORSINO, 2013).

Pensa-se que é possível (e necessário) contextualizar e tratar as PCA como parte da cultura corporal de movimento, pelo fato de que tais práticas são manifestações corporais que fazem parte da história da humanidade. É possível assistirmos em filmes ou mesmo analisando fotos em revistas e livros, que desde os primórdios os indivíduos iam ao encontro da natureza para sua subsistência básica, seja escalando montanhas para procura de alimentos e abrigo, descendo corredeiras em embarcações feitas por tronco de árvores, mergulhando em rios para pesca e banho, entre tantas outras possibilidades que às vezes nem se consegue imaginar, como pudesse ocorrer na época.

Diante disso, pelo fato de que todas as manifestações de PCA fazem parte da cultura de diferentes povos, é que entende-se a importância que há de se resgatar estas práticas e (tentar) levá-las para a escola como um conteúdo a ser tratado e problematizado pela área da Educação Física.

A respeito de quais conteúdos efetivamente devem compor os currículos, remete-se a Forquin (1993), o qual entende que a educação escolar não se limita a fazer seleção entre os saberes de um dado momento. Ela deve também reorganizar estes saberes para assim torná-los efetivamente assimiláveis e transmissíveis aos alunos. Entende que essa gama de conhecimentos a serem compartilhados pelas instituições educacionais necessita de uma seleção da cultura, sendo que apenas parte da cultura será contemplada nos currículos escolares.

Acerca desta parte da cultura a ser contemplada, Darido e Rangel (2005) fazem referências às modalidades hegemônicas nas aulas de Educação Física escolar (futebol, voleibol, basquetebol e handebol). Comentam que os professores tendem a abordar apenas



aqueles conteúdos que possuem maior domínio e são mais bem aceitos pelos alunos, o que torna, muitas vezes, as aulas de Educação Física restritas e vinculadas a esses esportes coletivos, deixando de lado outros componentes relevantes da cultura corporal de movimento.

Diante disso, surgem os seguintes questionamentos: Será que as PCA se caracterizam como uma categoria de conteúdo a ser tratado pela Educação Física escolar? Por qual (is) motivo (s) ou objetivo (s) ensinar as PCA na escola? Como tem sido tratado academicamente este conteúdo em periódicos científicos da área em âmbito nacional?

Tendo em vista a intenção e necessidade de promover uma reflexão acerca da inserção das PCA no contexto escolar, este trabalho teve como foco central realizar um “estado da arte” sobre o tema nos cinco principais periódicos nacionais da área de Educação Física mais bem avaliados pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), ou seja, buscar compreender como as publicações científicas retratam este tema.

Esta pesquisa é de natureza quali-quantitativa, uma vez que a intenção foi analisar a produção acadêmica sobre as práticas corporais de aventura em periódicos científicos nacionais, visando qualificar e quantificar o número total de artigos publicados sobre este tema, bem como verificar quais destes estudos enfatizam a área da Educação Física escolar.

METODOLOGIA

Creswell (2007) destaca um crescente na utilização da abordagem quali-quantitativa, e diz que tal tipo de abordagem é aquela em que o pesquisador tende a basear seus pressupostos em campos pragmáticos, empregando estratégias que envolvem a coleta de dados tanto simultaneamente quanto sequencialmente, para melhor entender os problemas de pesquisa. A coleta e análise dos dados envolvem tanto informações numéricas quanto informações textuais, no sentido de proporcionar uma melhor compreensão do universo pesquisado.

A análise teve como recorte temporal a última década, compreendida entre os anos de 2005 e 2015. Justifica-se tal recorte pelo fato de ter sido uma década importante para a área no sentido de haver disponível uma maior quantidade de artigos e trabalhos que mencionam de alguma forma as práticas corporais de aventura, onde as discussões e reflexões acerca do tema se tornaram mais nítidas quando comparadas à década anterior.

Para tanto, inicialmente foi feita uma busca na base de dados online de cinco periódicos nacionais, todos reconhecidos pelo portal Qualis/CAPES e classificados com estrato entre A2 e B1 (o ano-base de referência no portal corresponde ao mês de dezembro de 2015, bem como foi até a referida data que ocorreu a análise do “estado da arte” acerca do tema), visando obter o número de artigos que remetem às práticas de aventura em cada uma destas revistas.

Ressalta-se que todos os periódicos são da área da Educação Física e mantêm como diretrizes nos seus respectivos escopos a publicação de artigos nas mais diversas vertentes da Educação Física, do esporte e do movimento humano. As seguintes revistas foram analisadas: Revista Movimento (ESEF – UFRGS), estrato A2; Revista Motriz (DEF/UNESP – Rio Claro), estrato B1; Revista da Educação Física (UEM), estrato B1; Revista Brasileira de Ciências do Esporte (CBCE), estrato B1; Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (RBEFE/USP), estrato B1.

A pesquisa na base de dados dos periódicos foi feita analisando-se em todas as edições, tanto o título, o resumo, assim como o corpo do texto em si. Todos os artigos que apresentaram algum aspecto que remetesse às práticas de aventura foram considerados para análise.

A importância da realização desta pesquisa bibliográfica deve ser atribuída, assim como entendem Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2001), a uma revisão crítica de teorias e pesquisas no processo de produção de novas reflexões e pensamentos, sendo um aspecto essencial na construção de novos conhecimentos capazes de influenciar e contribuir para o desenvolvimento teórico-metodológico na referida área de estudo.

A importância da realização desta pesquisa bibliográfica deve ser atribuída, assim como entendem Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2001), a uma revisão crítica de teorias e pesquisas no processo de produção de novas reflexões e pensamentos, sendo um aspecto essencial na construção de novos conhecimentos capazes de influenciar e contribuir para o desenvolvimento teórico-metodológico na referida área de estudo.

ESTADO DA ARTE SOBRE O TEMA “AVENTURA” NOS CINCO PRINCIPAIS PERIÓDICOS NACIONAIS NA ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Os resultados encontrados estão apresentados no quadro 1, o qual ilustra o número de artigos totais publicados pelos cinco periódicos (anualmente e na década). O número anterior ao parênteses representa a

quantidade de artigos publicados, independente da temática e área de estudo. O primeiro parênteses reflete o número de artigos que retratam a temática das PCA de forma geral, e no segundo parênteses enfocam a rela-



ção das PCA especificamente com a área da Educação Física escolar. Finalmente, na última linha do quadro há o resultado do total de artigos encontrados no período analisado por periódico, bem como na última coluna há a visualização do número de artigos totais publicados anualmente somando-se os cinco periódicos.

Do total de 2988 artigos encontrados na soma dos cinco periódicos analisados durante o recorte temporal estipulado (ano de 2005 até 2015), apenas 66 artigos (2,21% do total) eram referentes à temática das práticas corporais de aventura. E destes 66 artigos, somente 3 trabalhos retratavam as PCA no uni-

Quadro 1 -

Periódicos analisados no “estado da arte” acerca das PCA, postados anualmente durante a década analisada.

Periódico / Ano	Movimento	Motriz	REF (UEM)	RBCE	RBEFE (USP)	Total (por ano)
2005	30 (1) (0)	25 (0) (0)	24 (1) (0)	33 (0) (0)	28 (0) (0)	140 (2) (0)
2006	29 (0) (0)	35 (3) (0)	24 (0) (0)	36 (1) (0)	28 (1) (0)	152 (5) (0)
2007	31 (0) (0)	38 (0) (0)	24 (0) (0)	40 (7) (1)	35 (0) (0)	168 (7) (1)
2008	33 (2) (0)	58 (0) (0)	60 (0) (0)	39 (0) (0)	28 (1) (0)	218 (3) (0)
2009	54 (3) (0)	110 (3) (0)	60 (0) (0)	42 (1) (0)	34 (2) (0)	300 (9) (0)
2010	66 (1) (0)	119 (7) (0)	60 (0) (0)	62 (3) (0)	48 (1) (0)	355 (12) (0)
2011	60 (0) (0)	84 (2) (0)	60 (1) (0)	70 (3) (0)	72 (3) (0)	346 (9) (0)
2012	60 (1) (1)	77 (0) (0)	60 (0) (0)	66 (1) (0)	63 (0) (0)	326 (2) (1)
2013	60 (0) (0)	97 (2) (0)	60 (3) (0)	69 (2) (0)	60 (0) (0)	346 (7) (0)
2014	88 (0) (0)	60 (0) (0)	60 (1) (0)	63 (0) (0)	60 (1) (0)	331 (2) (0)
2015	75 (1) (1)	54 (0) (0)	60 (2) (0)	57 (1) (0)	60 (0) (0)	306 (5) (1)
Total (por periódico)	586 (9) (2)	757 (17) (0)	552 (8) (0)	577 (19)(1)	516 (10) (0)	2988 (63) (3)

Fonte: Dados coletados na pesquisa - Revista Movimento (ESEF - UFRGS); Revista Motriz (UNESP – Rio Claro); Revista da Educação Física (UEM); RBCE – Revista Brasileira de Ciências do Esporte (CBCE); RBEFE: Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (USP).

verso das aulas de Educação Física escolar.

Pensa-se que há uma necessidade de realização de mais estudos e pesquisas que incidam foco nas PCA como um conteúdo a ser ministrado nas aulas de Educação Física escolar, haja vista que tais práticas estão cada vez mais inseridas no contexto da sociedade atual.

Afinal, em âmbito ligado ao rendimento, nota-se nos meios de comunicação de massa um número expressivo de competições e exposições em distintas modalidades que envolvem a aventura, tais como WCT – Surf, Rally Dakar, Campeonatos Mundiais de Rafting, Mountain bike, entre outros.

No que tange ao lazer, percebe-se como os indivíduos cada vez mais procuram por tais práticas e vivências em seus momentos de lazer e tempo livre, deslocando-se aos diversos locais de prática como Brotas/SP, Itacaré/BA, Fernando de Noronha/PE, Socorro/SP, Florianópolis/SC, entre tantos outros destinos nacionais, e muitas vezes pagando por viagens e pacotes a empresas que permitem que a experiência na vivência em determinada modalidade possa acontecer.

Assim sendo, a escassez no número de artigos encontrados não condiz com tal representatividade atual, uma vez que tais práticas necessitam de mais discussões e consensos, ainda mais se pensando no âmbito educacional.

Após a quantificação do número de artigos em cada um dos periódicos analisados e do número total de artigos encontrados, houve a classificação dos artigos que remeteram a quais enfoques são dados às PCA.

Desta forma, diante dos dados expressos no quadro 2 é possível observar que ao realizar a categorização temática dos artigos referentes às PCA encontrados durante o recorte temporal da pesquisa, abriram-se possibilidades de verificar quais são os temas dentro das PCA mais discutidos cientificamente em âmbito nacional.

Ressalta-se que a abordagem e o enfoque de alguns artigos encaixavam-se em mais de uma categoria temática e, por isso, o total de 76 categorizações listadas na tabela foi superior ao total de artigos (66) que enfatizavam as práticas de aventura, seja de forma geral e em outros focos de estudo (63), ou relacionada à área da Educação Física escolar (3).



Quadro 2 – Categorização temática dos artigos que retratam as PCA na última década.

Categorização dos Temas	Número de incidência nos periódicos
Aspectos psicológicos (estados emocionais)	11
Biodinâmica	10
Educação Ambiental	8
Risco	7
Lazer	5
Gênero	5
Educação Física e Meio Ambiente	5
Representações Sociais	4
Produção Acadêmica/Científica	3
Metodologia de Ensino	3
PCA na Educação Física escolar	3
Histórico/Evolução	2
Formação Profissional	2
Outras categorias	8
Total	76

Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Houveram nove indicações para “Outras categorias”, superior em relação a algumas categorias. Tal superioridade deve-se ao fato de que foram reunidas todas as categorias que tiveram apenas uma única aparição entre todos os artigos analisados. São elas: Cinema; Organizações e Federações; Ética; Questões Terminológicas; Demanda Potencial e Mercado; Qualidade de Vida; Políticas Públicas e, por fim Iniciação Esportiva.

Percebe-se que a temática mais expressiva e discutida nos artigos está relacionada aos aspectos psicológicos e aos estados emocionais inerentes às práticas corporais de aventura. Em seguida, houve certo equilíbrio entre os aspectos biodinâmicos atrelados às PCA, a questão referente à educação ambiental e ao risco nas diferentes práticas.

A esse respeito, Lavoura, Schwartz e Machado (2008, p.125) comentam sobre a consolidação das discussões acadêmico-científicas acerca das atividades de aventura na natureza, bem como suas múltiplas possibilidades de investigações, inclusive no que tange aos aspectos emocionais e variáveis psicológicas. Assim, os autores salientam que tais atividades são meios que permitem a “[...] valorização das interações intra e interpessoais vivenciadas em tais momentos, ampliam-se os significados e valores no trato com as emoções e com a natureza, por fazerem sentido ao enredo psicológico humano”.

Outros estudos como Lemos, Teixeira e Lopes

(2010), Brandt *et al.* (2010), Vieira *et al.* (2011), entre outros, também mostram relação entre os aspectos psicológicos e os diferentes tipos de PCA.

Em relação aos aspectos biodinâmicos atrelados às PCA, pesquisas como as de Cotes *et al.* (2007), Costa e Oliveira (2010), Tremea, Gomes e Loss (2011), entre outros, enfatizam de que maneira tais práticas vêm sendo estudadas em áreas como a Fisiologia e a Biomecânica, por exemplo.

De maneira semelhante, estudos como Silva e Chao (2011), Rosa e Carvalhinho (2012), Figueiredo e Schwartz (2013), entre outros, realçam a importância de se tratar a educação ambiental por meio da discussão e vivência das práticas corporais de aventura, para além do ambiente escolar.

Com resultado bem menos expressivo, está a categoria das PCA em aulas de Educação Física escolar, a qual foi presente em apenas 3 estudos, sendo eles: Guimarães *et al.* (2007), Armbrust e Silva (2012), Dalben (2015).

Guimarães *et al.* (2007) ressaltam o crescimento das práticas de atividades físicas em contato com a natureza, bem como a constante criação de novas modalidades esportivas nessa área. Em virtude disso, torna-se evidente ser esse um campo com enormes possibilidades de ação e atuação para o desenvolvimento de uma consciência crítica junto aos alunos a respeito do meio ambiente. Os autores comentam sobre a importância da educação física, a qual enquanto disciplina escolar deve passar por



reestruturações significativas em seu processo educacional pedagógico, sendo os esportes de aventura na natureza um conteúdo a ser tratado nas aulas.

Armbrust e Silva (2012, p.296) comentam que a Educação Física enquanto um componente curricular apresenta um currículo que deve sempre ser renovado com conteúdos emergentes e, para isso, propõem reflexões sobre a inserção dos Esportes Radicais nas propostas pedagógicas escolares. Ao relacionar estas práticas à escola enfocam que “Se visualizarmos o currículo escolar como uma entidade complexa [...] pensamos que os Esportes Radicais podem ser significativos para promover a riqueza da convivência humana, constituir uma via para expansão de saberes”

Dalben (2015) faz um resgate sobre a abordagem histórica do corpo, da natureza e das práticas corporais ao ar livre em diferentes culturas, propondo análises acerca da história das práticas corporais ao ar livre e as relações estabelecidas ao longo do tempo com o universo escolar. Entretanto, o autor não menciona em momento algum determinado tipo de prática na natureza, bem como não faz menção às PCA em contexto urbano. Nota-se que o autor remete-se às práticas corporais ao ar livre não como aquelas de aventura em si como enfocadas neste trabalho, mas associando-as a colônia de férias, caminhadas e trilhas em meio a natureza, jogos e brincadeiras ao ar livre, piqueniques e saídas a campo, entre outros.

Sabe-se que as PCA apresentam uma grande variedade

de no que tange aos diferentes tipos de modalidades ou práticas, podendo ocorrer diretamente junto à natureza, como o surfe, *trekking*, mergulho, *rafting*, entre outros, ou mesmo em meio urbano, como é o caso do skate, escalada em parade artificial, *parkour*, entre outras práticas.

Assim sendo, é possível pensar que são muitas as possibilidades de se conseguir oportunizar uma determinada PCA aos alunos, haja vista que tais práticas compreendem uma série de modalidades em si (aquáticas, terrestres ou aéreas / na natureza ou em meio urbano). Ademais, imagina-se há variadas maneiras em promover adaptações em algumas práticas a depender do contexto e realidade local da instituição. E claro, da disposição dos professores em tentar abordar este novo conteúdo, uma vez que torna-se necessário capacitar-se e conhecer determinadas práticas enquanto algo a ser tematizado e explorado no desenvolvimento das aulas junto aos alunos.

Diante disso, sabe-se que algumas escolas terão maiores ou menores condições físicas, recursos materiais, bem como professores capacitados e comprometidos para que haja a efetiva inserção destas práticas como um conteúdo a ser tratado nas aulas de Educação Física escolar.

O quadro 3 ilustra quais os conteúdos das PCA foram abordados nestes 66 artigos analisados neste estudo, com superioridade das práticas ligadas ao surfe, canoagem e também o skate.

Quadro 3 – Conteúdos enfocados das PCA nos artigos analisados na última década.

Conteúdos enfocados das PCA	Número de incidência nos periódicos
Surfe	8
Canoagem	7
Skate	6
Vela (latismo)	4
Vôo livre	4
Trilhas interpretativas	2
Mountain bike	2
Escalada	2
Outros conteúdos	6
Total	41

Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Torna-se importante comentar que alguns artigos analisados não enfocavam conteúdos ou modalidades específicas entre as PCA, apenas retratando-as de forma geral. Por isso o total de 41 conteúdos, sendo inferior ao total de artigos (66) que mencionavam as PCA.

Além disso, na categoria “Outros conteúdos” houve

um número de práticas superior em relação a outros conteúdos expostos. Tal superioridade deve-se ao fato de que foram reunidos todos os conteúdos e práticas que tiveram apenas uma única menção entre todos os artigos analisados. Tais conteúdos foram os seguintes: Corrida de Aventura; *Kitesurf*; *Rafting*; Montanhismo; Parapente e *Rappel*.



Diante dos resultados referentes aos conteúdos, percebe-se a ausência de determinadas práticas que, ao se pensar em uma possível inserção nas aulas escolares, poderia ser bastante exequível proposta por serem simples e de fáceis adaptações em termos materiais e de espaços físicos.

Nesse sentido, Franco, Cavasini e Darido (2014, p.114) apresentam planos de aulas de práticas corporais de aventura, como a Corrida de Orientação, *Parakour*, *Slackline*, Arvorismo, *Trekking*, entre outros, sugerindo propostas de que os professores possam fazer “[...] a contextualização das práticas corporais de aventura de algumas modalidades na estrutura de escolas e espaços comuns, característicos da maioria das regiões do Brasil” Os autores ainda enfatizam a importância das PCA em propiciar ao professor a chance de explorar situações relacionadas ao respeito, cooperação entre os pares, vivência de novas experiências corporais, bem como valorização e ética acerca do meio ambiente.

No que se relaciona mais especificamente aos 3 artigos que enfatizam as Práticas corporais de aventura (PCA) em ambiente escolar encontrados no “estado da arte” deste estudo, torna-se conveniente explorá-los quanto à terminologia utilizada, motivos e objetivos de inserção nas aulas de Educação Física na escola, bem como no que é ensinado ou no que pode ser desenvolvido nas aulas com a implementação de tal conteúdo.

Conforme já justificado na introdução deste trabalho foi adotado o uso do termo PCA e, tomando por base os 3 trabalhos que relacionam as PCA em aulas escolares, percebe-se que há uma divergência quanto à utilização dos termos.

Dalben (2015) utiliza as “práticas corporais ao ar livre”, relacionando-as a vivências e ações diversas feitas ao ar livre como banhos terapêuticos, jogos e brincadeiras, campismo, caminhadas em trilhas, sem fazer menção qualquer a práticas urbanas.

Guimarães *et al.* (2007) fizeram referência aos “esportes de aventura na natureza” como uma possibilidade de tratar o tema meio ambiente de forma transversal na escola, sendo necessário um preparo e uma formação que permita ao professor ter segurança e um mínimo de domínio sobre o tema.

Armbrust e Silva (2012) adotaram o uso da nomenclatura “esportes radicais”, os quais vêm atraindo o interesse de crianças em idade escolar e mostrando seu potencial educativo. O currículo da Educação Física vem se renovando e observa-se que seus conteúdos tradicionais começam a compartilhar o espaço da escola com conteúdos atualmente bastante divulgados pelas mídias, como é o caso dos esportes radicais.

Todos os 3 referidos estudos não justificaram o motivo por adotar tal nomenclatura específica, embora Armbrust e Silva (2012) mencionam que na literatura há utilização com frequência do termo “natureza”, onde os autores acabam não considerando as atividades realizadas em área urbana, possivelmente por não considerá-las como realizadas na natureza, mas que na verdade possuem características e similaridades em seus elementos constitutivos.

No que tange aos objetivos e motivos de se inserir as PCA em âmbito educacional, os três artigos - Guimarães *et al.* (2007), Armbrust e Silva (2012), Dalben (2015) - encontrados nesta pesquisa também tecem comentários sobre quais objetivos pretende-se alcançar acerca de tal inserção.

Guimarães *et al.* (2007) comentam que as aulas de Educação Física escolar em geral centram-se em propostas de práticas esportivas visando mais as competições e o treinamento esportivo das modalidades. Tais práticas podem acarretar, de um lado, a desmotivação para as aulas e, por outro, a exclusão, em que só os mais aptos e técnicos participam. Os conteúdos da educação física devem ser aplicados em atividades variadas, pautadas em propostas transversais, sendo que assim os professores podem atender às expectativas dos alunos, oferecendo um conhecimento que irá além do desenvolvimento de habilidades motoras. Os autores acrescentam a importância dos esportes da natureza como um conteúdo a ser trabalhado nas aulas no sentido de que eles “[...] são excelentes possibilidades de fundir os conteúdos da educação física e a temática ambiental, buscando a vivência concreta de práticas essenciais à vida do ser humano” (GUIMARÃES *et al.*, 2007, p.168).

Dalben (2015) comenta que não se trata de pensar as inúmeras possibilidades atuais de se trabalhar esse conteúdo, mas de se definir e legitimar as práticas corporais ao ar livre enquanto uma expressão da cultura corporal que foi codificada ao longo do tempo e que se encontra disponível para ser debatida, vivenciada, problematizada e ressignificada por professores e alunos nas aulas de Educação Física.

Armbrust e Silva (2012) entendem que nos esportes radicais é possível visualizar uma gama de competências que estas experiências podem desenvolver nos alunos, sendo que tais esportes podem ser vistos como temas geradores de abordagens transdisciplinares e, portanto, servirem como ferramenta para o coletivo de professores e de disciplinas que compõem o currículo. Os autores visualizam os esportes radicais como um excelente norteador da renovação dos conteúdos e das práticas escolares, propiciando apropriação e produção de conhecimentos,



valores e atitudes atrelados a estas práticas radicais.

Pensando em uma inserção das PCA como um conteúdo a ser tratado pela Educação Física, observa-se que é curioso como essas práticas são referenciadas tanto como pertencentes à cultura corporal de movimento, bem como a serem tratadas no âmbito das discussões que envolvem o tema transversal meio ambiente.

Compreende-se que as PCA podem proporcionar conhecimento nas duas áreas, sejam elas tratadas em relação à cultura corporal de movimento ou em relação ao tema do meio ambiente. Sabe-se que o meio ambiente é um tema transversal, mas não é responsabilidade exclusiva da Educação Física os debates acerca deste tema. Embora reconheça-se que o meio ambiente é um conteúdo que se aproxima com o das PCA e, por isso, as discussões e abordagens entre eles podem estar relacionadas.

Assim sendo, um objetivo da escola e da Educação Física é lidar com a temática do meio ambiente e a outra é resgatar práticas que pertencem à humanidade, selecioná-las e levá-las para a escola. Por isso, a cultura corporal de movimento e o meio ambiente podem (e devem) suscitar reflexões e discussões importantes acerca das PCA.

Entretanto, apesar desses três artigos encontrados no “estado da arte” evidenciarem motivos para inserir as PCA em aulas Educação Física escolar, os mesmos não tecem muitos enfoques no que é ensinado ou no que pode ser desenvolvido nas aulas com a implementação de tal conteúdo.

Dalben (2015) nada comenta a respeito, apenas menciona que os conteúdos da Educação Física devem ser ampliados a diversas outras práticas corporais constitutivas do amplo acervo acumulado pela huma-

nidade em sua história. Ao propor este resgate histórico sobre as práticas corporais ao ar livre, conclui que elas são passíveis de compor o repertório de conteúdos da Educação Física Escolar.

Guimarães *et al.* (2007) apenas evidencia que os esportes de aventura praticados na natureza podem ser uma maneira de aplicar e relacionar o tema meio ambiente na forma transversal na escola. Entretanto, não mostra nem comenta sobre exemplificações práticas acerca de como desenvolver tais esportes durante as aulas.

Armbrust e Silva (2012) exemplificam uma única possibilidade de tratar as PCA nas aulas escolares junto aos alunos. Acerca das práticas de caminhada na natureza, torna-se possível um contato direto com o meio natural, e com orientações adequadas processar informações da fauna e da flora, os cuidados com os ambientes naturais, as condutas de mínimo impacto. Toda essa discussão pode ser levada para o interior da escola, ou até mesmo para o ambiente familiar, o que costuma ocorrer com mais facilidade quando são adotados princípios curriculares interdisciplinares.

Diante disso, espera-se que as PCA possam se fazer presentes cada vez com maior intensidade em discussões e reflexões acadêmicas, bem como em situações que perpassam para o ambiente das aulas de Educação Física escolar.

Entende-se a importância de tratar, experimentar, contextualizar, vivenciar e problematizar as PCA enquanto um conteúdo emergente da área da Educação Física, capaz de propiciar aos alunos conhecimentos e vivências acerca de diferentes manifestações da cultura corporal e de questões ligadas ao meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando por base os dados coletados neste “estado da arte” acerca do tema das PCA nos cinco periódicos nacionais mais bem avaliados pela CAPES na área da Educação Física, considera-se que há uma escassez na produção científica relacionada às PCA. Escassez ainda maior quando se pensa em uma inserção destas práticas no ambiente escolar.

Pensa-se que há uma necessidade de realização de mais estudos e pesquisas que incidam foco nas PCA como um conteúdo a ser ministrado nas aulas de Educação Física escolar, haja vista que tais práticas estão cada vez mais inseridas no contexto da sociedade atual. Afinal, nota-se um número expressivo de competições em distintas modalidades que envolvem a aventura, bem como indivíduos que cada vez

mais procuram por tais práticas e vivências em seus momentos de lazer e tempo livre.

Diante do amplo repertório de possibilidades de PCA, abre-se espaço para compreender que muitas manifestações corporais possam ocorrer em âmbito educacional nas aulas de Educação Física, a depender do contexto em que localiza-se a escola e das condições para efetivar tal inserção.

Espera-se que as PCA possam desenvolver-se academicamente na área da Educação Física, sendo disseminadas com maior frequência em periódicos científicos e na realização de mais estudos e pesquisas que envolvem o tema. Desta forma, idealiza-se que este possa ser um conteúdo emergente da área da Educação Física, sendo cada vez mais inseridos em contexto escolar.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Carla da Silva Reis; CORSINO, Luciano Nascimento. O Parkour como possibilidade para a Educação Física Escolar. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XXV, n. 41, p. 247-257, 2013.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

ARMBRUST, Igor; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Pluralidade Cultural: os esportes radicais na Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v.18, n.1, p.281-300, 2012.

BRANDT, Ricardo; VIANA, Maick da Silveira; SEGATO, Luciana; ANDRADE, Alexandro. Estados de humor de velejadores durante o Pré-Panamericano. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.4 p.834-840, out./dez. 2010.

COSTA, Vitor Pereira; OLIVEIRA, Fernando Roberto. A resposta de frequência cardíaca durante as competições de “mountain bike cross-country”. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.24, n.3, p.379-87, jul./set. 2010.

COTES, Marcial; MIELKE, Marcelo Schramm; CAZORLA, Irene Mauricio; MOREL, Márcia. Avaliação do nível de dificuldade da trilha interpretativa do Ecoparque de Una (BA): aspectos físicos, biológicos e parâmetros de esforço físico dos visitantes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 191-207, mai. 2007.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DALBEN, André. Diálogos entre o corpo e a natureza: as práticas corporais ao ar livre a Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 4, p. 903-914, out./dez. 2015.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição A. (Org.). **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 293 p.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; SILVA, Marlon André. Ensaando o “novo” em Educação Física Escolar: a perspectiva de seus atores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.33, n.1, p.119-134, 2011.

FIGUEIREDO, Juliana de Paula; SCHWARTZ, Gisele Maria. Atividades de aventura e educação ambiental como foco nos periódicos da área de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v.19 n.2, p.467-479, abr./jun. 2013.

FORQUIN, Jean-Claude. **Currículo e cultura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRANCO, Laércio Claro Pereira; CAVASINI, Rodrigo; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. (Orgs.). **Lutas, Capoeira e Práticas corporais de aventura: práticas corporais e a organização do conhecimento**. Maringá: Eduem, 2014. p. 101-135.

GUIMARÃES, Simone Sendin Moreira; MARTINS, Ida Carneiro; LUCENTINI, Leandro; CARBINATTO, Michele Viviene; MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina. Educação física no ensino médio e as discussões sobre meio ambiente: um encontro necessário. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 157-172, maio 2007.

LAVOURA, Tiago Nicola; SCHWARTZ, Gisele Maria; MACHADO, Afonso Antônio. Aspectos emocionais da prática de atividades de aventura na natureza: a (re)educação dos sentidos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.22, n.2, p.119-27, abr./jun. 2008.



LEMOS, Luiz Fernando Cuozzo; TEIXEIRA, Clarissa Stefani; LOPES, Luiz Felipe Dias. Investigação da dependência psicológica da prática da canoagem em atletas da seleção brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.2 p.338-347, abr./jun. 2010.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST Igor. **Pedagogia da Aventura**: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. Jundiaí: Fontoura; 2010.

ROSA, Paulo Filipe; CARVALHINHO, Luís Alberto Dias. A educação ambiental e o desporto na natureza: Uma reflexão crítica sobre os novos paradigmas da educação ambiental e o potencial do desporto como metodologia de ensino. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 259-280, jul/set. 2012.

SILVA, Priscilla Pinto Costa; CHAO, Cheng Hsin Nery. Práticas corporais na natureza: por uma educação ambiental. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 22, n. 1, p. 89-97, 1. trim. 2011.

TREMEA, Victor Wigner; GOMES, Lara Elena; LOSS, Jefferson Fagundes. Descrição do comportamento da força do Kite em relação ao seu posicionamento e ao deslocamento da barra de controle. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 715-732, jul./set. 2011.

VIEIRA, Lenamar Fiorese; BALBIM, Guilherme Moraes; PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis; HASSUMI, Miriane Yassue Santos Silva; GARCIA, Willian Fernando. Estado de fluxo em praticantes de escalada e skate downhill. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.4, p.591-599, out./dez. 2011.